



**Diante do risco de perda de semestre e adiamento do vestibular,** o Ministério da Educação, pressionado, começou um diálogo com os professores e técnicos-administrativos das instituições federais de ensino.

Gritos de protestos contra o desmonte do serviço público ecoam por todo o País e o movimento ganha força a cada dia, já sendo considerado o mais forte da história de greves nas universidades. A abertura das negociações não significa o fim da paralisação e aponta, até agora, para a determinação de não aceitar o reajuste de 3,5% proposto pelo governo.

Página 3

## ANTIGLOBALIZAÇÃO

**A luta pela  
paz justa**

O discurso do movimento antiglobalização econômica está mudando desde os atentados do dia 11 de setembro, nos Estados Unidos. Paz é a palavra de ordem, mas a paz qualificada, com justiça social e sem arredar pé da denúncia dos danos causados pela mercantilização do planeta. O próprio Fórum Social Mundial 2002 terá alterações em seu tom para mostrar que um novo mundo, mais que possível, é necessário.

Páginas 6 e 7





Fotos Cristina Lima



## Guerra de informações

Nessa conjuntura internacional, voltada para as questões que envolvem o ato terrorista do dia 11/09, Norman Solomon (Carta Capital, ed. Especial, ano VIII, n.º 157, pg. 44) observou: "na midialândia dos EUA, apenas algumas crueldades merecem o holofote." Nesse sentido, ele apontou que "as vozes angustiantes que estão no ar não são nem mais nem menos importantes do que aquelas que nunca ouvimos. As vítimas americanas e seus entes queridos merecem toda a nossa atenção. Mas outros também merecem o nosso cuidado – seres humanos que não são reconhecidos pela mídia americana."

Nacionalmente, a quinzena que se passou também foi marcada por uma guerra de informações. Mesmo havendo uma ampliação do quadro de greve dos docentes (estão paradas atualmente 50 das 52 Instituições Federais de Ensino Superior) de parte do Ministério houve o envio de um documento de seis páginas por e-mail para alguns professores (se desconhece o critério de seleção), com uma versão do MEC sobre como a Universidade teria sido engrandecida durante o governo FHC. Nossa resposta foi enviar pelo correio um documento elaborado pelo Comando Nacional de Greve (CNG) mostrando as idiosincrasias do MEC. Em nova investida, o Ministério publicou em jornais de todo o país (no nosso caso, na Zero Hora) uma nota com teor semelhante ao do e-mail. É

importante salientar que os próprios documentos do MEC, lançados com uma diferença de dois dias, se contradizem em alguns dados: no e-mail o investimento nas Universidades em 1995 era de R\$ 4,8 bilhões, e havia passado em 2000 para R\$ 6,7 bilhões, já na nota no jornal os mesmos dados tinham respectivamente os valores de R\$ 5,7 bilhões e R\$ 7,4 bilhões. A resposta elaborada pelo CNG foi publicada também na Zero Hora, no mesmo dia (26/09/2001) em que a administração da nossa Universidade publicou uma nota referente à Ufrgs que também desmente os dados do Ministério. A quinzena está se encerrando com uma audiência do ministro com o setor da Educação – Andes-SN, Fasubra Sindical, Sina-sefe e UNE. Dessa audiência, saiu uma promessa de montagem de comissões de trabalho que irão discutir a pauta de reivindicações. Em todos os momentos estivemos atentos para as manobras do Governo em suas tentativas de desqualificar a nossa greve. Conclamamos a todos que estejam vigilantes para que a instalação dessas comissões de trabalho não sejam transformadas pelo ministro em um jogo de cena para dizer à sociedade que o Governo está negociando, quando na verdade ele possa estar apenas fazendo de conta. Não podemos esquecer que na guerra da mídia somos o elo mais fraco, que no momento tem de se fazer presente.

## Contra a retaliação

A opinião pública internacional opõe-se a uma operação militar a ser realizada pelos EUA como retaliação pelos ataques em Nova York e Washington, segundo uma pesquisa do instituto Gallup realizada em 31 países. Apenas em Israel e nos EUA a maioria dos entrevistados se mostrou favorável a uma resposta militar contra os países que dão abrigo a terroristas. Indivíduos de outros países, que responderam às perguntas, disseram preferir que os terroristas suspeitos fossem extraditados e levados a julgamento. De acordo com a empresa Isopublic, que realizou a pesquisa na Suíça, cerca de 80% dos europeus e cerca de 90% dos sul-americanos são favoráveis à extradição e ao julgamento dos acusados. No total, 77% dos israelenses se disseram favoráveis a uma ação militar, enquanto 54% dos norte-americanos tinham a mesma opinião.

## Doutores protestam

Um grupo de quatro jovens pesquisadores brasileiros conseguiu publicar uma carta na revista Nature, edição de 6 de setembro, chamando a atenção da comunidade científica internacional para a falta de vagas a profissionais qualificados no País. Segundo Edésio Barbosa, um dos autores do manifesto, as condições de trabalho dos recém-doutores são desestimulantes. A estrutura de pesquisa na maioria das universidades é precária e, segundo ele, para mudar essa situação, seria vital que os cientistas tivessem algum vínculo mais definitivo com as instituições. "Um recém-doutor não é um estudante profissional, mas um profissional que estuda. A postura do nosso governo só estimula a fuga de cérebros", diz ele. Na carta os pesquisadores afirmam que, de 1998 a 1999, somente 1.481 novos doutores conseguiram colocação nas 52 universidades federais, embora 8.790 estudantes tenham concluído o doutorado nesse mesmo período. "Essa é a primeira vez que tantos cientistas tão bem formados estão disponíveis no Brasil, com o potencial de suprir as necessidades de nosso país em várias áreas científicas", escrevem os autores.

## Seca

O Fundo de Investimento do Nordeste (Finor) repassou para a região nos últimos 25 anos mais de R\$ 20 bilhões, financiando 1.118 fazendas, que deveriam gerar mais de 59 mil empregos diretos. De acordo com o relatório da CPI do mesmo Finor, foram criados com todo esse dinheiro apenas 10 mil empregos. Com um agravante: o INCRA está desapropriando parte dessas fazendas para fins de assentamento de trabalhadores rurais e indenizando os fazendeiros pelas benfeitorias feitas com os recursos públicos. Esta realidade foi constatada pelo presidente de honra do

PT, Luís Inácio Lula da Silva, em artigo para o informativo Linha Direta. E dá ainda outro exemplo: o financiamento da multinacional Monsanto do Nordeste SA, localizada em Camaçari, na Bahia, que recebeu R\$ 784 milhões, para gerar apenas 319 empregos diretos, sendo R\$ 285 milhões do Finor, a fundo perdido, e o restante de outros financiamentos públicos. "Deve ter sido a mais extravagante relação entre investimento e geração de empregos do mundo", ressalta ele.

## Mais publicidade

O deputado federal petista João Paulo Cunha (SP) alertou, em artigo para o site La Insígnia, para o aumento da verba do Orçamento da União para a publicidade, em detrimento da redução da dotação para outras áreas importantes. Num ano eleitoral em que a dotação do programa de policiamento sofrerá uma redução de R\$ 117 milhões, os gastos do governo com publicidade e comunicação institucional aumentarão R\$ 108,7 milhões. A previsão de gastos do governo com publicidade chega a quase R\$ 350 milhões. O deputado petista, autor do levantamento, aponta esse aumento da dotação para publicidade como indício de possível uso da máquina na eleição do ano que vem. Comparada à proposta original do governo enviada ao Congresso no ano passado, a dotação da Presidência da República para o ano que vem praticamente triplicou: saltou de R\$ 4,3 milhões para R\$ 11 milhões.

## Reação estudantil

Milhares de estudantes se manifestaram em 150 universidades nos EUA, dia 20 de setembro contra a guerra que Bush anunciou, com faixas e cartazes que diziam, entre outras frases, "os terroristas estão na Casa Branca". Os estudantes ocuparam os campus nas universidades de Berkeley, com 10 mil manifestantes. A mobilização no Miami-Dade Community College, em Miami, reuniu quatro mil participantes. As universidades de Rhode Island, de Massachussets, a American University, em Washington, Wesleyan, da Califórnia, o Boston College, na Filadélfia, e a Universidade de Nova York estiveram entre os palcos das maiores manifestações estudantis desde a guerra do Vietnã. Em Washington, os estudantes da American University emitiram uma declaração denunciando que "uma resposta militar provocaria mais destruição e prejuízo" e questionaram por que os EUA são tão odiados, criticando a política externa norte-americana durante os pronunciamentos. As manifestações vêm crescendo diariamente, desde o dia do atentado ao WTC.

**AD**  
**VERSO**

**Publicação quinzenal impressa em papel Ecograph 75 gramas**  
**Tiragem: 5.500 exemplares**  
**Impressão: Gráfica e Editora Comunicação Impressa Ltda.**

**Produção e Edição**  
Veraz Comunicação Ltda.  
**Jornalistas responsáveis**  
Zaira Machado (RJP 7812)  
Paulo Cezar da Rosa (RJP 5808)  
**Reportagem:** Jéferson Assunção, Vanessa Martins, Maricélia Pinheiro, Wilson Biavatti Sobrinho e Marco Aurélio Weissheimer  
**Ilustrações:** Mario Guerreiro  
**Diagramação:** Fabrícia Osanai

### Diretoria

**Presidente:** Rubens Weyne;  
**1º Vice-Presidente:** Marilene Schmarczek;  
**2º Vice:** Félix González;  
**1º Secretário:** Mário Wrege;  
**2º Secretário:** Daniela Fialho;  
**1º Tesoureiro:** Edson Lindner;  
**2º Tesoureiro:** Vanderlei Carraro;  
**1º Suplente:** Tatiana Montanari;  
**2º Suplente:** Carmem Lucia Bezerra Machado

**ADufrgs**  
ASSOCIAÇÃO DE DOCENTES DA UFRGS

Seção Sindical da ANDES-SN  
Rua Otávio Corrêa, 45 Porto Alegre/RS  
CEP: 90050-120 Fone/Fax: (051) 3228.1188  
E-mail: adufrgs@portoweb.com.br  
Home Page: <http://www.adufrgs.org.br>



## GREVE

# Aberta rodada de negociações

**E**stá aberta a rodada de negociações entre o Governo Federal e os docentes e servidores das instituições federais de ensino. No último dia 26, depois de desmarcar duas audiências anteriores com os grevistas, finalmente o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, recebeu os representantes do Andes/SN, Fasubra, Sinasefe, UNE, CUT e parlamentares. De acordo com informes do Andes, o ministro mostrou uma certa "disposição" em negociar e propôs a formação de comissões para discutir alguns pontos da pauta de reivindicação. O encontro abriu portas para outros, já que na manhã seguinte (27/9), o ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão, Martus Tavares, compareceu a uma audiência pública na Comissão de Educação da Câmara Federal.

É verdade que o fato não significa, necessariamente, um aceno para o final da paralisação, iniciada em 25 de julho pelos técnicos-administrativos e em 22 de agosto pelos docentes, mas pode representar um avanço.

A audiência com o ministro aconteceu depois de muita pressão, especialmente dos servidores, que rumaram em caravanas de todos os lados do País e se reuniram, no último dia 19, em uma grande manifestação em frente à sede do MEC em Brasília. O fato foi antecedido por outros inúmeros protestos dos grevistas e várias tentativas do Legislativo Federal de intermediar a abertura das negociações nos dois últimos meses.



O movimento, que já ganhou adesão de 50, das 52 instituições federais de ensino em todo o Brasil, conseguiu apoio da bancada gaúcha no Congresso Nacional, que assegurou voto contra o projeto de lei do Executivo que prevê reajuste de 3,5% para o funcionalismo público federal. Há sete anos sem reajuste, os servidores reivindicam uma reposição salarial de 75,48%, índice relativo à inflação desde janeiro de 1995.

Vivenciando uma realidade caótica, em que faltam funcionários e professores e até material de trabalho nas universidades, os grevistas do setor de educação lutam, em especial, pela realização de concurso público e o aumento de verbas para investimento. Impedir que seja aprovado o projeto de Emprego Público, o que significaria a perda de conquistas históricas da categoria,

é outra bandeira forte do movimento.

Para o Comando Local de Greve (CLG) dos docentes, a atual greve apresenta uma particularidade que é o apoio da direção. No último dia 26, durante manifestação no saguão da Reitoria, esteve presente o vice-reitor da Ufrgs, José Carlos Hennemann, que leu uma nota de esclarecimento – publicada no mesmo dia em jornal local –, onde a direção da universidade contesta os dados divulgados pelo MEC no dia 19 de setembro. As informações do MEC colocam a universidade pública em situação privilegiada em se tratando de investimentos, o que não corresponde à realidade.

A tentativa do ministro da Educação, de contrapor a pauta de reivindicações dos servidores, gerou revolta entre a categoria que, imediatamente, se munuiu de dados que negam os divulgados pelo Governo. Uma nota em resposta foi publicada no dia 26 de setembro, dia marcado para o início das negociações.

Na Ufrgs o movimento atinge cerca de 90% dos cursos de graduação, mas demonstra pouca força no setor de pós-graduação, onde quase todos os cursos vêm funcionando, embora com certa precariedade. O desafio lançado na semana passada é o de adiar o 13º Salão de Iniciação Científica, marcado para os dias 24 e 25 de outubro, sob o argumento de que o principal público do evento, os alunos, estão afastados da universidade em virtude da greve.

## CARTA ANDES-SN

# MEC usa propaganda enganosa para tentar desqualificar a greve

Em nota paga publicada nos principais jornais de todo o país, no último dia 19 de setembro, o Ministério da Educação procura apresentar dados que demonstrariam um verdadeiro estado paradisiaco em que se encontraria o sistema federal de ensino superior, para tentar apresentar como inexplicável a greve nacional unificada dos servidores públicos federais, que nas instituições de ensino superior atinge professores, servidores técnico-administrativos e também os estudantes.

Poderíamos questionar os gastos exorbitantes da publicação de uma nota deste tipo (no dia seguinte a Folha de São Paulo demonstrava que só uma agência de publicidade já ganhou R\$13,5 milhões com as propagandas do MEC este ano). Gasta-se tanto para tentar desqualificar com informações distorcidas e dados falaciosos, uma greve que conta com a adesão praticamente integral das categorias.

No informe publicitário comparam-se números do orçamento de 1995 e de 2000, para tentar demonstrar aumento de verbas. Mas os números, mesmo baseando-se no que foi previsto (R\$7,4 bilhões ou 0,7% do PIB) e não no que foi gasto em 2000, revelam que sequer a correção inflacionária ocorreu e escondem que neste mesmo período, a arrecadação de impostos cresceu de R\$ 84 para R\$ 176 bilhões e que, somente em 2000, R\$54,9 bilhões foram gastos com os juros das dívidas (5,04% do PIB). Escondem também que este ano as Instituições dependem de cerca de R\$ 511 milhões em verbas de cus-

teio para fechar as contas de manutenção e para o ano 2002 o orçamento prevê apenas R\$ 411 milhões para educação (incluindo ensino fundamental e médio).

Fala-se ainda de investimentos em bibliotecas e equipamentos, ínfimos face às reais necessidades das Instituições. Basta dizer que os 50 milhões investidos em computadores desde 1995 são equivalentes à verba publicitária do gabinete do Ministro, deste ano apenas. Mencionam-se fundos setoriais e de infra-estrutura, originados com verbas dos setores privatizados da economia, cujas verbas são inferiores às antes aplicadas nas Universidades pelas empresas que eram estatais. Muita propaganda para poucas realizações. Por isso não apenas os reitores denunciam a falta de recursos, como também os estudantes, que sofrem na pele com as carências materiais das instituições, estão em greve em muitas universidades defendendo a destinação de uma maior fatia orçamentária para o sistema federal de ensino.

A nota fala em 11 mil vagas para concursos de professores entre 1995 e 2001, mas omite que diante do número de aposentadorias, o próprio MEC reconheceu recentemente um déficit de 8.000 vagas e autorizou concursos para apenas 2.000. Omite também que não foram abertas vagas para concursos de servidores técnico-administrativos ao longo do período. É por isso que a pauta da greve inclui a abertura de concursos públicos no RJU.

Sobre salários apresenta-se um ganho de "até 62,5%" nos salários dos docentes em

decorrência da GED e de "até 42%" para os funcionários em decorrência da GEDAE. Mas omite que estas são gratificações variáveis e que a maioria dos professores (cujo salário base - fixo - responde hoje por cerca de 1/4 da remuneração) recebeu incrementos em torno de apenas 30 a 40% com a tal gratificação, sendo inferiores os ganhos dos professores de 1º e 2º graus e limitada a 60% do valor a gratificação dos aposentados. Para os técnico-administrativos, a GEDAE, que ainda não foi regulamentada, após 7 anos sem qualquer reajuste, representa ameaça de queda no valor real dos salários. Por isso defendemos a incorporação integral das gratificações e o reajuste linear, que combinados restabeleçam os patamares salariais de 1995.

Fala-se ainda em aumento das vagas em cursos de graduação e pós-graduação, mas omite-se que este aumento está muito aquém da demanda e das metas definidas pelo próprio MEC quando propôs ao Congresso um Plano Nacional de Educação, conservador face o Plano apresentado pelas organizações da sociedade. Há hoje 11% dos jovens entre 18 e 24 anos matriculados no ensino superior, quando a meta aceitável é de 40%. Isto sem contar que no período da gestão Fernando Henrique/Paulo Renato, as matrículas no ensino privado, que antes respondiam por menos da metade dos estudantes, hoje já somam mais de 60%. Já nas pós-graduações, onde o sistema federal responde por menos da metade das matrículas, o governo que alardeia crescimento é o mesmo que restringe verbas e anuncia o

fim do programa de incentivo à capacitação (PICDT), que apoiava a qualificação dos quadros docentes e técnicos das instituições.

Por fim, a matéria paga do MEC fala em prejuízos aos estudantes causados pela greve, quando estes estão também em greve por considerarem que prejuízos irreparáveis estão sendo gerados pelas políticas do governo. E ameaça os docentes e técnicos, com medidas ilegais como as anunciadas pelo ministro à imprensa, como demissão de substitutos e corte de pagamento. Tais ameaças, longe de nos amedrontar, aguçam nossa certeza de que for-talecer a greve – à qual recorreremos diante da intransigência de um governo que se recusou a negociar – é o único meio de combater um projeto como o de Paulo Renato/Fernando Henrique/Banco Mundial/FMI, que não tem qualquer credibilidade para apresentar-se como defensor do sistema federal de ensino superior que passou anos empenhado em desmontar. É a greve que está apresentando à sociedade um claro projeto de defesa dos serviços públicos, as instituições de ensino superior inclusive. Nosso projeto de Universidade Pública, Gratuita, de Qualidade e Socialmente Referenciada se contrapõe diretamente ao sentido de privatização e desmonte das políticas do MEC. Não há ginásticas retóricas e argumentos falaciosos que possam esconder este fato.

Brasília, 22 de setembro de 2001.

**CNG Andes/SN - Adufrgs - Aprofurg  
Adufpel - Sedufsm**



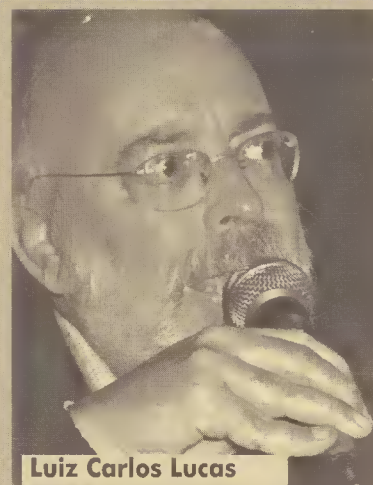
## DEBATE

# Que universidade pública queremos?

**"Q**ue universidade pública queremos?" foi tema de um debate dia 13 no Salão de Atos 2 da Ufrgs, organizado pelos comandos de greve dos professores e técnicos-administrativos. O professor Luiz Carlos Lucas, 1º vice-presidente da regional sul da Andes-Sindicato Nacional, e Maria de Lurdes Lose, técnica-administrativa da Fundação Universidade de Rio Grande e coordenadora do sindicato dos técnicos de Rio Grande, expuseram suas idéias de universidade pública.

Maria de Lurdes fez um resgate das lutas dos técnicos administrativos de Rio Grande, ressaltando a posição de que esses servidores não podem ser vistos como coadjuvantes na universidade, mas como protagonistas em sua construção e defesa. Também informou sobre uma proposta de universidade pública dos técnicos administrativos, aprovada por eles, em 1999, pedindo para que ela seja levada a sério pelo governo federal. O documento está registrado no MEC, mas, segundo Lurdes, ignorado. "Nossa idéia é construir uma universidade cidadã para os trabalhadores", afirmou. Ela também explicou que não se trata de superar a distinção entre as categorias, mas de não permitir que um setor tenha peso maior que os outros.

Lucas disse que o debate sobre a universidade pública atual é uma questão de sobrevivência de professores, funcionários e estudantes. Defendeu uma universidade com as seguintes características: pública, autônoma, de qualidade, gratuita e socialmente referenciada. Conforme a exposição do professor, o governo federal tem tomado medidas contrárias a esse modelo a que os docentes, estudantes e técnicos aspiram. Com



Luiz Carlos Lucas



Maria de Lurdes Lose

**Conversa:** professores e técnicos-administrativos traçaram o que seria a universidade ideal

relação à qualidade, a preocupação tem se reduzido a alguns poucos centros e não à totalidade das universidades. Ao invés da gratuidade, têm ocorrido várias investidas – não só do governo – no sentido de ampliar o ensino pago, até mesmo dentro das universidades públicas, com o pagamento de taxas. No item socialmente referenciada, a universidade, segundo Lucas, está cada vez mais dependente dos interesses do mercado e não da sociedade como um todo.

Afirmou, porém, que vivemos um momento bastante propício à resistência. O grau de mobilização, hoje, seria muito maior do que em qualquer outro momento do governo de Fernando Henrique Cardoso, segundo ele. Somente um outro período, no ano de 1988, teve o protagonismo dos movimentos sociais como o que se vê na

atualidade. Isso se deve, na opinião de Lucas, ao esgotamento do modelo econômico e político das elites brasileiras. "É animador o elevado índice de aceitação da greve e a possibilidade de voltarmos a ser ofensivos e não defensivos", disse.

Lucas diz que é importante uma reflexão profunda sobre o papel da universidade na vida do País. "Na ditadura militar, para o desenvolvimento, era necessária força de trabalho, e a universidade passou a preparar pessoas para o mercado. Hoje, isso já não se justifica mais, em função de que o desemprego vem crescendo muito entre as pessoas que têm formação universitária. Neste sentido, a universidade pública não é mais funcionalmente necessária", analisa. Uma das causas, segundo o professor, é que a elite brasileira não tem um projeto para o País, e importa a tecnologia que precisa.

A mídia é a grande fomentadora da adesão à ordem. Cola ao seu discurso uma ideologia que leva à privatização, ao abandono de um projeto de desenvolvimento nacional, de fomento à pesquisa e à vida intelectual no País. Basta ver seu posicionamento frente aos textos do governo federal que, segundo Lucas, são meras traduções de documentos do FMI e Banco Mundial. "Não há inovação alguma. É o mesmo texto colocado em prática no Brasil", afirma.

O que salva é o momento histórico pelo qual o Brasil passa. Na opinião de Lucas, estamos em um momento propício para uma virada, visto que, sem um projeto próprio, as elites brasileiras têm menos força para barrar alternativas mais populares. "É animador. Em vez de ficarmos na defensiva podemos ir para a ofensiva e propor mudanças reais para o problema", concluiu.

## Desenvolvimento Sustentável é tema de aula pública

**U**m projeto de desenvolvimento sustentável foi tema de aula pública ministrada pela professora Magda Zanoni, da Universidade Paris 7 – Denis Diderot, no último dia 17. Com uma explanação objetiva, a professora detalhou o trabalho desenvolvido na Baía de Guaraqueçaba, Litoral Norte do Paraná, entre 1989 e 1995, pela Universidade Paris e Universidade Federal do Paraná (Ufpr). O projeto é um exemplo do papel social da universidade pública, ao produzir conhecimento em prol da melhoria de qualidade de vida de uma comunidade.

Segundo Magda, o projeto teve como principal objetivo capacitar os agricultores e pescadores locais para as atividades de cultivo, preservando recursos naturais e a biodiversidade da Mata Atlântica e do Estuário da Baía de Paranaguá.

O resultado do trabalho foi a garantia de alimento e renda para as famílias da comunidade, através da implantação

de uma fábrica de balas de banana e uma unidade de resfriamento e afinação de ostras de cultivo. "Com a fábrica eles passaram a aproveitar toda a produção de banana", disse. O projeto gerou ainda novas disciplinas para os cursos de Medicina Veterinária, Agronomia, Economia, e Ciências Florestais.

Magda relatou ainda as torturas a que são submetidos os trabalhadores que se aventuravam na mata para extrair o palmito, atividade proibida pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama). "Ficamos sabendo de casos como de o de um homem que teve os dedos quebrados por policiais florestais e de um outro que tentou suicídio depois de ser submetido ao vexame de desfilar nu, por toda a vila com um bugio pendurado ao pescoço", contou.

Segundo a professora, as leis ambientais beneficiam os latifundiários, quando permitem a extração de palmito apenas para quem possui mais de três



**Magda Zanoni:** professora detalhou trabalho desenvolvido no Paraná

mil hectares devidamente documentados. "Os pequenos agricultores vivem em comunidades onde não há registro de propriedade de terra e não têm acesso às técnicas de replantio", observou. A saída encontrada pelos coordenadores do projeto foi aglomerar um número determinado de famílias, de forma a somar a quantidade de hectares exigida por lei e assim assegurar o registro de propriedade e posteriormente a licença para plantar e colher palmito.

O estudo, realizado por estudantes brasileiros e franceses, constatou também, ao buscar a identificação das de-

mandas sociais, que não havia qualquer pesquisa sobre os modos de uso e de apropriação dos recursos naturais pelas populações locais. O resultado prático, segundo Magda, surgiu depois de muitas pesquisas envolvendo os campos de história, agronomia, ecologia, economia, ciências políticas e ciências sociais.

Para a professora, o "Projeto de Desenvolvimento Sustentável de Guaraqueçaba", apresentado recentemente na Suíça, é um exemplo incontestável da importância da universidade pública no setor da produção de conhecimento. "Não há desenvolvimento sem pesquisa", falou.



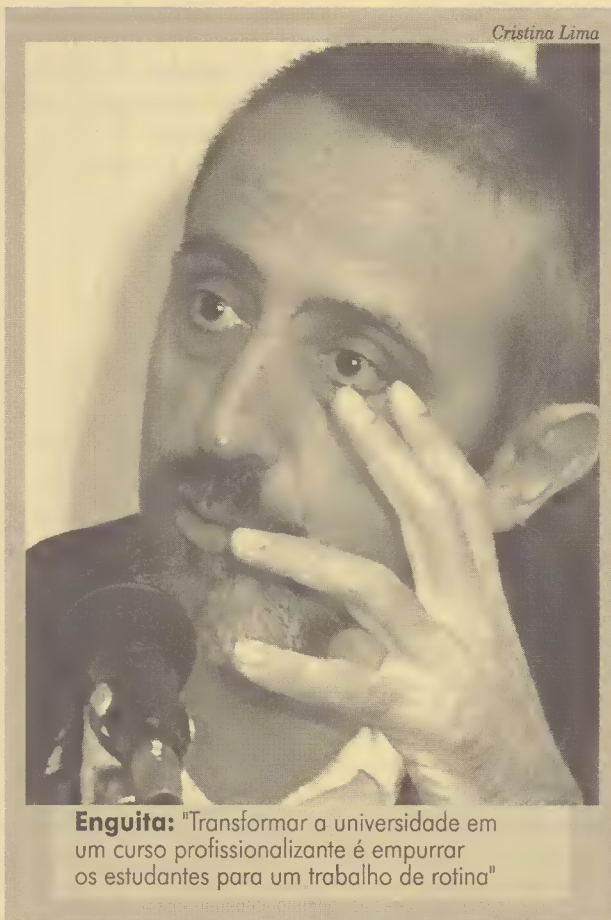
## EDUCAÇÃO

# Para sociólogo espanhol, criatividade é o diferencial

**A** convite da Adufrgs, o sociólogo espanhol Mariano Fernandez Enguita esteve em Porto Alegre para uma palestra sobre os rumos da educação. O professor da Universidade de Salamanca é considerado uma das maiores autoridades sobre a educação e as consequências da mesma na sociedade. Com dezenas de livros publicados sobre o tema, ele explicou aos professores gaúchos como funciona o atual modelo educacional europeu e, principalmente, os danos que reformas insensatas causam ao ensino.

Segundo Enguita, o problema em retirar cadeiras de ciências humanas de cursos de ciências exatas é tornar o estudante mais suscetível à submissão. "Transformar a universidade em um curso profissionalizante é empurrar os estudantes para um trabalho de rotina, operacional, habilitando-o apenas para um emprego prático. O que qualquer curso deve oferecer são disciplinas que estimulam a inteligência, a iniciativa e uma visão ampla do mundo", diz o professor.

Apesar de não ver a educação simplesmente como uma mercadoria, Enguita não exclui de seus estudos que esta é uma realidade encontrada por uma porção significativa dos estudantes, ao adentrarem no mercado de trabalho. "A primeira revolução industrial tinha por missão submeter o maior número de pessoas ao capital. A segunda procura submeter mais gente à autoridade", assinala. Para ele, uma educação voltada apenas à profissão impede o empregado de entender o contexto em que está inserido. "Trabalhadores com esta qualificação servem ao modelo taylorista, que não precisa de trabalho qualificado. O trabalhador terá muito mais oportunidades se for capacitado em vários



**Enguita:** "Transformar a universidade em um curso profissionalizante é empurrar os estudantes para um trabalho de rotina"

tipos de tarefas. Saber o que todos sabem não qualifica para nada", afirma.

Enguita acredita na criatividade como diferencial,

e não só apenas nos meios acadêmicos. "Mesmo pessoas que trabalham em indústrias precisam ter inventividade. Um trabalhador que perde o seu emprego precisará se adaptar a uma outra atividade. Se tudo o que ele possui é o conhecimento para realizar a sua antiga tarefa, houve uma falha educacional – prova da limitação de uma educação profissionalizante", explica. O autor de Trabalho, Escola e Ideologia também critica o uso de robôs em detrimento ao trabalho humano: "Não é o maquinário que introduz a divisão de trabalho, e sim, o contrário".

Crítico dos vícios do sistema educacional, ele nega-se a apontar os estudantes como culpados de muitos problemas de que são acusados pelos professores. "É comum ouvir de educadores europeus que estudantes não servem para nada, para que prepará-los se não há empregos, coisas do tipo. Eles se esquecem que a escola ajuda a distribuir os indivíduos", diz. Apesar de não ter abordado o tema em Porto Alegre, o sociólogo causou polêmica na Espanha ao defender a tese de que um dos principais problemas do ensino fundamental no país era a falta de um componente na bagagem da maioria dos professores: vocação.

Com um discurso mais diplomático, Enguita não deixou de expressar o seu apressamento pela educação, mesmo acreditando que alguns educadores insistam em erros históricos ao ministrá-la. "Há 50 anos atrás os trabalhadores na Espanha tentavam deixar, antes de morrerem, uma pequena propriedade para os seus filhos, uma fonte de renda, algo que lhes garantisse um futuro mais tranquilo. Hoje a missão é lhes dar educação", relata.

## FÓRUM MUNDIAL DA EDUCAÇÃO

**"Na véspera do Fórum Mundial de Educação em Porto Alegre, certamente chegou o momento de reconhecer a urgência do direito a uma educação que desemboca em um mundo solidário. Um mundo em que as crianças, os homens e os povos possam acessar ao direito e à dignidade de viver e compreender, agir e criar, para, juntos, transformá-lo."**

(da declaração Um futuro para construirmos juntos, redigida pelo Groupe français d'éducation nouvelle Paris, 19 de setembro de 2001)

**Participe**  
**De 24 a 27 de outubro de 2001**  
**Porto Alegre**



**A educação no mundo globalizado**

Site oficial: [www.forummundialdeeducacao.com.br](http://www.forummundialdeeducacao.com.br)  
Informações e inscrições: 3286.4520 ou 3214.1946 Fax: 3214.1861



ANTIGLOBALIZAÇÃO

# Movimento pede paz com justiça social

**Ao ruírem, as torres gêmeas do WTC em Nova York e suas toneladas de destroços não atingiram apenas os mais de seis mil seres humanos mortos, os feridos, o Estado americano, o capitalismo, o ocidente... Caíram também sobre o movimento antiglobalização econômica, que crescia a cada evento desde Seattle em 1999. Ele agora terá que assimilar o impacto das explosões e erguer a bandeira da paz, mas a da paz real: sem fome, sem desigualdade, sem injustiças. Aglutinar a sociedade civil em torno dela é o novo desafio. Sua palavra de ordem: um novo mundo é possível, urgente e necessário.**

Jéferson Assunção

Uma declaração do governo italiano de Silvio Berlusconi, dia 11 de setembro, logo após os atentados que destruíram as torres gêmeas em Nova York e parte do Pentágono em Washington, EUA, tem causado indignação aos integrantes dos movimentos antiglobalização econômica. Enquanto os entulhos do World Trade Center (WTC) espalhavam uma densa fumaça cinza por Manhattan, o governo conservador da Itália, ainda inconformado com os protestos de Gênova, disparava contra o movimento antiglobalização econômica. Apontou o médico Vittorio Agnoletto, um dos organizadores do Fórum Social de Gênova, ocorrido em julho, como responsável, ainda que indireto, pela catástrofe. O motivo: os movimentos antiglobalização teriam aberto caminho para a violência e o terrorismo. Agnoletto estaria, inclusive, segundo informações de manifestantes, sendo ameaçado, e passara a não dormir mais duas noites no mesmo local. No dia dos atentados, o médico italiano estava em Porto Alegre, para o lançamento do 2º Fórum Social Mundial, que acontece em janeiro.

Uma coisa é certa. A queda das torres gêmeas, um dos símbolos do capitalismo atingiu a todos, inclusive aqueles que se opõem ao capitalismo globalizado. O próprio Fórum Social Mundial deverá ter um tom bem diferente do que se previa até um mês atrás. Paz é a palavra de ordem que deverá estar por todos os cantos do evento. Mas que paz? Uma paz real, como aquela pela qual lutam as mulheres, os indígenas, as minorias e as maiores excluídas do planeta.

O sociólogo Manuel Castells em artigo publicado dia 21 na Folha de S. Paulo, diz que é preciso distinguir a atual guerra, das ações de qualquer movimento. Qual é a guerra? De quem contra quem? Quem morreu? Quem vai morrer? são as perguntas que devem ser feitas agora, segundo o sociólogo, para não se perder o foco da questão. "Não é um choque de religiões, porque a grande maioria dos muçulmanos e a quase totalidade

dos governos dos países islâmicos se opõem ao terrorismo e, em grande medida, apostam na integração na economia mundial e na comunidade internacional", afirma Castells. "Tampouco é um choque entre os pobres e o capitalismo mundial, embora a exclusão social leve ao desespero do qual se alimenta o fanatismo".

É essencial, segundo Castells, distinguir essa guerra da oposição ao modelo neoliberal representada pelo movimento antiglobalização. Traçar paralelos ou aproximações, diz, entre as duas coisas levaria à "criminalização do movimento antiglobalização" e ao sufocamento do debate democrático sobre os conteúdos da globalização. "Debate esse que apenas começou", lembra o sociólogo.

## Um outro mundo é necessário

A gravidade do momento reforça a necessidade de uma mudança radical na "globalização bárbara, injusta, inaceitável". Reforça a convicção de que "há ainda mais razões para lutar por um outro mundo possível: fraterno, democrático, solidário e socialista". É o que diz um documento da Corrente de Esquerda, da Frente Ampla uruguaia, publicado dia 15 de setembro. Intitulada "Um Mundo Inaceitável", a carta considera atroz os ataques terroristas, mas afirma que é preciso não se deter apenas aos aspectos morais dos atentados. A razão da ameaça seria o caráter estrutural da violência no sistema econômico e político em que vivemos.

Na última década, as políticas neoliberais da mundialização capitalista e a supremacia militar do imperialismo norte-americano têm gerado uma extrema polarização social e política, que arrastam milhões de pessoas para a miséria. Situação imposta por meio de uma blindagem econômica-político-militar que passa pelas

condições neocoloniais que as instituições financeiras internacionais impõem, até o bloqueio e as sanções a Cuba e Iraque, os bombardeios do Sudão, a guerra 'humanitária' contra a Sérvia, a permanente brutalidade contra o povo da palestina e o Plano Colômbia". A Corrente rechaça, no entanto, o terror como sistema de luta e diz que as mortes ocorridas nos enlutam a todos como seres humanos, "como gente comprometida com a vida, como gente para a qual nenhum fim justifica os meios". Para o grupo, lutar pela paz e pela justiça social é uma questão de sobrevivência a todos os povos.

## Uma batalha pela paz

Integrante do comitê nacional do Fórum Social Mundial e jornalista do sítio *www.portoalegre2002.net*, Antônio Martins afirma que os atentados foram o fato que os Estados Unidos precisavam, para sair de uma defensiva em que estavam desde os protestos em Seattle, em 1999. Daí a preocupação com a amplitude das retaliações, que podem vir a militarizar o mundo ainda mais. Ele vê com preocupação o discurso do presidente George W. Bush, no Congresso dos EUA poucos dias depois dos atentados, quando disse que o mundo ou está a favor ou contra os EUA. "É uma tentativa de instalar, agora pela força, o 'pensamento único'. Se não forem impedidos, os governantes norte-americanos vão se sentir à vontade para mover guerras contra os países que decidirem considerar 'terroristas', a agir para derrubar governos e também a restringir as liberdades em seu próprio território. Os protestos, e suas reivindicações, serão apresentados como algo que pode favorecer o terror ou enfraquecer o poder norte-americano em guerra", aponta Martins.

Nesse cenário, o movimento antiglobalização corre alguns riscos. O maior é adotar a "tática da avestruz": levar adiante a agenda do movimento, como se não fosse necessário se preocupar com a ameaça de guerra.

## Colômbia em clima de apreensão

O professor colombiano Félix Gonzáles, do departamento de Veterinária, da Ufrgs, está preocupado com os efeitos da queda do WTC para o povo colombiano. Se antes a situação já estava complicada para as Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (Farc), agora o perigo cresce ainda mais. As zonas desmilitarizadas, existentes há três anos, não surtiram efeito para nenhuma das partes, principalmente devido à intransigência do governo de Andrés Pastrana, e estão às vésperas de acabarem (a data limite é 7 de outubro). Uma prorrogação, esperada pela guerrilha, não deve ocorrer, por pressão dos Estados Unidos, principalmente depois dos ataques.

O próprio ministro da defesa dos Estados Unidos, Collin Powell, estava indo para as zonas desmilitarizadas no dia dos atentados. Teve que voltar direto para os Estados Unidos. "Se não renovar, será a guerra total. Se antes a situação já vinha se agravando, agora ainda mais. Estou com medo que se desencadeie um extermínio", avalia Gonzáles. Um outro fato concorre para acirrar ainda mais o problema. É o último ano de Pastrana na presidência, ele que prometeu ser o único presidente a "resolver" o problema da guerrilha. "Agora, os Estados Unidos têm praticamente uma licença para intervir onde bem entenderem", avalia.

"Esta posição, se adotada, nos isolará da vida real, nos deixará falando sozinhos. Devemos assumir claramente uma postura pacifista de combate, denunciar a guerra de Washington, procurar organizar grandes manifestações contra ela, tentar evitá-la. Se este objetivo for alcançado, teremos imposto uma grave derrota ao Império, semelhante ou ainda maior que a sofrida por ele na Batalha de Seattle".

Só que a "batalha pela paz" não pode ser vazia, nem piegas. "Não se trata apenas de dizer que somos contra a violência, mas de denunciar esta guerra. Precisamos mostrar que os Estados Unidos pretendem usá-la para consolidar uma ordem mundial que se assenta sobre a força, e uma economia que produz cada vez mais desigualdade. Precisamos dizer, também, que do nosso ponto de vista paz significa ao mesmo tempo soberania popular (ou seja, uma democracia reinventada, o direito dos povos decidirem sobre seus destinos) igualdade, solidariedade – um mundo governado pela lógica dos direitos, não pela dos mercados".

Conforme Martins, essa luta pela paz pode ser travada com mais eficácia nos países de terceiro mundo, já que, nos países ricos, o choque pela perda repentina de segurança pode paralisar as sociedades por algum tempo. Um dos momentos dessa luta deverá ser o Fórum Social Mundial de Porto Alegre, que, já em sua Carta de Princípios aprovada no início do ano, rejeita qualquer forma de terrorismo.

# O fundamentalismo americano

**Professor visitante da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), o filósofo gaúcho Gerd Bornheim, 72, esteve dia 28 de setembro participando do Seminário de Filosofia Ética Hoje: Teoria e Prática, promovido pelo curso de Filosofia do Centro Universitário La Salle (Unilasalle), em Canoas. Do Rio de Janeiro, Bornheim – que foi professor da Ufrgs até 1969, quando foi cassado – concedeu esta entrevista por telefone. Nela, ele analisa os impactos éticos e estéticos dos atentados nos EUA.**



Gerd Bornheim

**Adverso - O que está acontecendo no mundo depois dos atentados nos Estados Unidos?**

**Gerd Bornheim** - A fantástica novidade diante deste atentado é que os terroristas, pela primeira vez, assumiram o estilo americano de fazer as coisas. O filme já foi visto muitas vezes, inclusive em relação a Nova York, em que a cidade foi arrasada por terroristas. Toda abordagem desta questão se depara com o mesmo estilo, que é o estilo americano, usado agora pelos terroristas. Isso é o que não houve, por exemplo, na Guerra do Vietnã, nem no ataque japonês a Pearl Harbor. A novidade está exatamente neste ponto. Quer dizer: nós estamos acostumados a ver esta violência toda dentro de casa por televisão há uns 20 ou mais anos, e é este estilo americano, divulgado pelos americanos, que provocou o modo como os terroristas, quaisquer sejam eles, atacaram Nova York.

**Adverso - Como teria provocado os ataques?**

**Bornheim** - Acho que os americanos provocaram esta idéia, esta maneira de fazer terrorismo, porque isso não é, por exemplo, europeu. O europeu não tem este tipo de filme. Tudo isso é uma cultura americana e ela está como que se dobrando sobre si própria. E aí está toda uma base americana, também. Por exemplo, uma ação do Bush me parece completamente irracional. Ele tem que agir em nome da razão, ele tem que descobrir quem são os culpados, ele tem que ter argumentação objetiva, racional, mas está na base da probabilidade, da desconfiança, e agora está começando, inclusive, a ter certas dificuldades de ordem internacional, com a Europa, por exemplo, com a Ásia e o Oriente próximo, com a China e com a Rússia. Ele não pode botar uma aventura no lugar da razão, de uma argumentação racional. Eu tenho impressão que esta guerra, se acontecer uma guerra com o Afeganistão, é possível que seja, realmente, muito pior que o Vietnã. E pode ser que seja a destruição da cultura árabe.

**Adverso - Por que seria?**

**Bornheim** - Os árabes vão passar agora por uma crise muito grande. Se eles forem atacados, a guerra vai ser muito violenta. E tem um problema grave: o petróleo está no fim. Tem só mais alguns anos de vida. As empresas de carros e combustíveis já estão providenciando o substituto do petróleo, que é o hidrogênio compactado. Daqui a uns quatro ou cinco anos nossos carros vão funcionar de outra maneira.

**Adverso - Mas essa mudança de matriz energética não será feita de fato apenas quando os Estados Unidos tiverem**

**o monopólio da nova tecnologia, e assim declarar sua independência dos países árabes?**

**Bornheim** - A Schell está fazendo. Já existe, só estão aperfeiçoando, pois há detalhes técnicos que devem ser acertados. E os árabes só têm o petróleo, em última análise... Então isso vai gerar uma crise muito profunda. No meu entender é um grande desrespeito pela cultura árabe, que é uma das grandes culturas da história da humanidade. Depois tem todo o problema com Israel. Uma consequência mínima, se houver guerra ou não, é que os Estados Unidos vão transformar Israel em um verdadeiro bunker. Isso tudo é genocídio puro.

**Adverso - Da perspectiva filosófica é possível estabelecer uma base de discurso entre essas duas culturas: a árabe e a norte-americana?**

**Bornheim** - Tem que haver argumentação, tem que haver transparência racional, tem que haver provas bem objetivas. Um povo não pode atacar um outro povo na base do palpite. Existe toda uma multidão inocente, inclusive. Primeiro tem que haver a transparência e, se os Estados Unidos são a potência que são, é incrível que eles não consigam alcançar essa transparência. Mas ao estilo de *far-west* é absolutamente vergonhoso. É irracional, justamente. Pode dar tudo errado, e quem garante que este ataque não tenha sido feito até por americanos, já que o estilo é tão americano?

**Adverso - No livro Conversas com Filósofos Brasileiros, o senhor chegou a declarar: "Eu espero que a fé e a religião desapareçam". Como o senhor vê a questão da religião no mundo de hoje? Como pensar o fundamentalismo?**

**Bornheim** - Eu odeio todas as formas de fundamentalismos. Acho o fundamentalismo um surto de irracionalidade completamente condenável. E há um fundamentalismo – ainda que não religioso – que se estende ao comportamento do Bush. Ele está incentivando nos Estados Unidos uma conduta fundamentalista. E isso é um desastre absoluto. O fundamentalismo, árabe ou israelense, é péssimo. Qualquer forma de fundamentalismo é um horror, porque é a expressão da decadência da religião.

**Adverso - A queda das torres gêmeas em Nova York pode atingir também a hegemonia estética norte-americana no mundo?**

**Bornheim** - Com toda a certeza. Está se modificando tudo. Eles estão revisando toda esta estética cinematográfica. A pedagogia da estética deles está sendo modificada já agora. Aqui no Rio, por exemplo, os filmes mais procurados nas locadoras de vídeo são justamente aqueles filmes de terror em que destruíam Nova York. Há filas atrás desses filmes. Nos Estados Unidos é o oposto. Eles estão começando a entender que a coisa não é bem por aí, que eles não podem botar violência dentro de todas as casas, pela televisão e o cinema. Isso é um absurdo completo. Então, de certa maneira, eu espero que eles estejam se reduzando nessas coisas, nessa "arrogância americana", como dizem os árabes.

**Adverso - Os movimentos antiglobalização econômica tentam estabelecer um "contrapoder mundial", também em termos culturais. O senhor acha que é possível que isso aconteça?**

**Bornheim** - Não em termos de guerra fria, mas um outro tipo de abordagem. A globalização é um fenômeno universal. E não tem volta. O que pode ser discutido é o modo de fazer a globalização. Não se deve esquecer que o primeiro pensador que falou em globalização, dizendo que o capital é uma realidade necessariamente internacional, foi Marx. Marx não fundou a Primeira Nacionalista, ele fundou a Primeira Internacional, justamente por causa disso. A questão é a mesma desde os tempos de Marx: é discutir como é esse processo de globalização do capital. A globalização é uma fatalidade, nós estamos caminhando realmente para uma aldeia global, um mundo único, e este é o grande parto que o mundo vai ter que vencer, lutar por ele e estabelecê-lo. Agora este negócio de neoliberalismo e tal, isso são piadas de percurso.

**Adverso - Para estabelecer um debate, que termos deveriam ser colocados na mesa? Se fala muito hoje "contra a globalização econômica, uma globalização solidária". É por aí?**

**Bornheim** - Aí a arte da ciência e da política têm que funcionar a todo o vapor. A esquerda está muito viciada em velhos chavões. Por exemplo o nacionalismo, a noção de Estado... No fundo a Rússia foi um estado nacionalista violento. E a esquerda não consegue superar completamente essas categorias antigas.



## INTERNET

**A Internet abriu caminho para uma “nova economia”, a e-economia, graças à qual o enriquecimento seria permanente, instantâneo e exponencial. Era uma miragem. E, como miragem, acaba em decepção: dezenas de empresas quebradas, milhares de demitidos...**

# A hora do desencanto

LE MONDE  
diplomatique  
**AD  
VERSO**

**Derrick De Kerckhove\***

Foi a firma Netscape que propôs o modelo e lançou a moda da e-economia. Introduzida na Bolsa de Valores em 9 de agosto de 1995, a Netscape Communications Corp. alcançou, no fechamento, nesta mesma noite, uma capitalização de dois bilhões de dólares... E isso sem a empresa ter ganho um só centavo. Nessa época pioneira, todas ou quase todas as pessoas ligadas à Internet conheciam o navegador da Netscape. Tinham experimentado e aprovado. Era a primeira versão comercial do Mosaic, um programa criado pelo mesmo geniozinho, Marc Andreessen. Assim como o Yahoo – o programa de busca que, alguns meses mais tarde, também atingiria picos de valorização bancária – o Netscape era uma espécie de prova de que a rede atingira um grau de maturação suficiente para tornar-se um espaço econômico. O Netscape deu o pontapé inicial a uma economia excitada e totalmente confusa: Internet, correio eletrônico, rede, portais, nova economia, e-economia etc.

Em outubro de 1995, as ações de Jim Clark, fundador da Netscape, valiam 425 milhões de dólares. Um ano antes, em outubro de 1994, Clark participara de uma mesa-redonda, em Tóquio, sobre o futuro da multimídia. Aca-bara de deixar a Silicon Graphics para fundar a Netscape. E explicou: “Ofereci-lhes participação. Eles (o conselho administrativo da Silicon Graphics) recusaram. Retirei a minha participação, 20 milhões de dólares, e investi na Netscape. Em menos de um ano, já tinha 400 milhões.” Como poderia ele ter sido o primeiro a prever, com tanta precisão, os efeitos inflacionários da nova economia e a ausência de relação entre valorização e produção? Certamente, tirou o melhor partido da situação, assim como a Amazon.com, o Yahoo, o E-Bay, e toda a enxurrada de empresas *on line* que, muito rapidamente, compreenderam que a rede se alimentava mais e melhor de promessas do que de realizações.

## Um descrédito generalizado

Estamos agora em plena *feeling's economy*, a economia da emoção de que fala Robert McIlwraith, pesquisador do programa McLuhan. O investimento se baseia na emoção provocada por boatos. Sobre a desmaterialização da economia, a jornalista Solveig Godeluck diz o seguinte: “Fundamentada na confiança, dissociada do real, ela fica sujeita a depressões ou à manipulação. Entramos realmente no capitalismo informatizado, mas os riscos e perigos são nossos.”

Haverá, sem dúvida, como para tantas outras psicoteecnologias, uma espécie de percurso obrigatório que faz com que, ao ultrapassar o limiar crítico da virtualidade, se abandonem as barreiras protetoras dos modelos estabelecidos e se passe a construir um campo alternativo, divorciado da realidade. Esse modelo se impõe e cresce por seus próprios meios até o momento em que a não-realização se torna demasiado evidente. Volta-se, então, decididamente, aos modelos antes rejeitados. Levadas a um descrédito generalizado, tanto as *stars* quanto as *start-ups* da e-economia passam por dificuldades. E, como os presidentes de jovens democracias – que fogem levando o cofre – alguns executivos, sentindo a mudança do vento, renunciam ou vendem suas ações a tempo de embolsar o que ainda sobra...

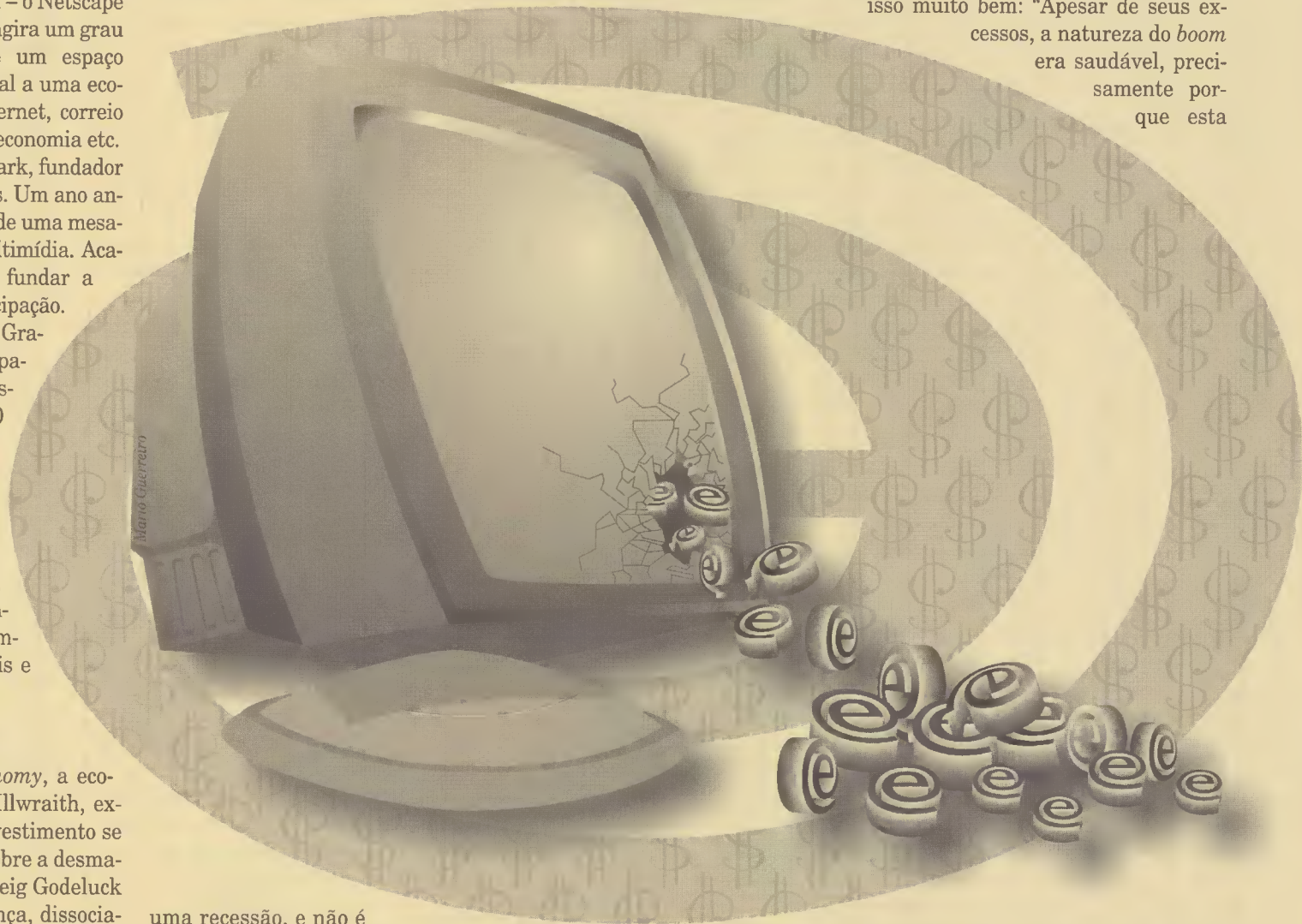
## A recessão hightech é pra valer

Não se pode dizer que, nesse meio tão volátil, não tenha havido manipuladores. Mas essa escalada dos valores não teria ocorrido se as manobras da bolsa não tivessem encontrado apoio em um público que crescia à velocidade das próprias redes, diversificado entre investidores, *day-traders*, principiantes, banqueiros, simples internautas, empresários inexperientes, programadores de softwares etc. Tudo isso criando, por outro lado, um clima favorável às inovações. Sem falar de mentalidades, bem como de práticas profissionais, que mudam imperceptivelmente com o uso das redes.

Portanto, a quebra tinha sido prevista. Andy Grove, guru da Intel, aguardava há três anos a info-Götterdämmerung até que, em abril de 2000, veio a notícia: “A recessão hightech começou para valer; trata-se, na realidade, de

ziram seus efetivos *on line* e demitiram seus *webmasters*, é incontável. Isso para não falar dos investidores desiludidos ou de executivos, muitas vezes com uma alta especialização e com salários elevados, que, diante da dificuldade de se reciclarem, contribuem para lançar o descrédito sobre a “nova economia” que os deserdou. Com a ajuda do efeito da moda, vivemos uma fase de desencanto, do “e-tédio”. As aves agourentas que se opunham à rede, por apenas terem visto o seu lado negativo, e que previam sua queda, se divertem.

Ao encanto segue-se o desencanto. Ambos têm a mesma natureza: colocam-se ao lado da realidade. Entretanto, o esvaziamento da bolha, coerente com o modelo emocional, é tão exagerado quanto o entusiasmo inicial. Este excesso que peca em sentido contrário apenas contribui para o retardamento do inevitável entrelaçado do planeta até a saturação. Grove compreendeu isso muito bem: “Apesar de seus excessos, a natureza do *boom* era saudável, precisamente porque esta



uma recessão, e não é das menores: abrange todos os setores, dos semicondutores às fibras óticas, e é de natureza cíclica.” No entanto, se as quedas brutais de cotação na bolsa afetam somente uma população de investidores abonados, e mesmo despreocupados, as crises mais sérias referem-se a investimentos previstos em mercados que ainda não se materializaram, como o do WAP (telefonia interativa) ou da WebTV (televisão interativa).

## O esvaziamento da bolha

A recessão *hightech* leva a demissões em massa e a uma depressão geral de todo o setor. Para a Nortel, empresa canadense, principal fabricante de comutadores de redes no mundo, a perda – instantânea – de 19 bilhões de dólares na bolsa significou a demissão de 10 mil empregados... O número de pequenas e médias empresas que, ao retirar a rede de suas prioridades, redu-

ziram seu valor, é incrível. A valorização conseguiu atrair investimentos bilionários para a construção da infraestrutura da Internet, como as centenas de bilhões que financiaram as redes de telecomunicações.”

## Melhor refletir, antes de investir

Do naufrágio da Internet, diz-se que só o correio eletrônico sobreviverá. É uma previsão prematura. A observação parece tão gratuita quanto a de Michael Wolff, que afirma que “até o final do ano, não haverá mais a indústria da Internet”. Andy Grove lembra que as empresas “ponto.com” representam, no máximo, 10% da e-economia. Por que, então, privar-se das vantagens reais da Internet em todas as suas modalidades de conexão? Para começar, há a formidável memória coletiva da rede, independentemente de qualquer tipo de comércio. No entanto, o acesso a esta memória é individual (um pouco como o acesso que temos à nossa



própria memória individual) e, principalmente, por conexão. Isto significa que novos tipos de associações e colaboração humanas estão se desenvolvendo – sem que a empresa tenha um papel exclusivamente determinante. O ensino, por exemplo, obtém vantagens consideráveis da Internet: a difusão do saber, é claro, através dos bancos de dados que se reconfiguram e se atualizam por si próprios, mas também graças a uma colaboração de grupo cada vez mais intensa, um trabalho de equipe cada vez mais sólido.

Os bancos – para citar uma dimensão comercial que irá utilizar cada vez mais os seus serviços – não vão descartar a Internet porque as empresas “ponto.com” tiveram problemas. O que farão é refletir melhor antes de investir nelas; mas é fora de cogitação que abandonem a extraordinária facilidade de transações que a Internet oferece. Acrescente-se a isso os sistemas de reserva, as trocas de dados informatizados, o controle de estoques, a distribuição automática e tantos outros serviços dos quais uma empresa, e em breve o público todo, não poderá mais abrir mão.

### O sorvedouro norte-americano

O público todo? Na França, cerca de 20% da população ativa já está conectada – e acessa a Internet. No Canadá, a porcentagem chega a 45%. Isto se deve, seguramente, a uma política de tarifas mais sadia que em outros lugares, que possibilitou uma verdadeira cultura “telefônica”. Na África, o acesso é ainda raro, mas o desejo de se conectar é cada vez mais presente nos africanos – com a mesma característica de expectativa, misturada com paciência, revelada por quem acessa a rede. O verdadeiro problema é outro. Quando se fala de “proporção digitalizada”, pensa-se em termos de quantidade: de um lado, um pequeno número de “internautas”, e do outro, uma grande maioria sem acesso ao espaço virtual. Joël de Rosnay dá uma outra perspectiva à questão ao introduzir o fator velocidade, que, em sua opinião, é determinante: “Algumas sociedades se desenvolvem a um ritmo tal que drenam sozinhas os recursos financeiros, humanos, energéticos e de informação que poderiam contribuir para o desenvolvimento das sociedades emergentes.”

Os melhores quadros dos países em vias de desenvolvimento são os mais afetados, na medida em que os países avançados lhes prometem vantagens e lhes abrem mais facilmente as portas do que aos que chegam pela via da imigração. Desse ponto de vista, a Internet tem o efeito de um ciclotron<sup>6</sup>. O Canadá, por exemplo, que sofre do efeito do sorvedouro norte-americano (cerca de 70 mil estudantes diplomados emigram anualmente, às custas do contribuinte, para os Estados Unidos), não encontrou solução. Encontra-se atualmente ameaçado de sofrer, a curto prazo, uma séria carência de capital intelectual.

### Uma revolução de cem anos

No que diz respeito à Internet, a única maneira de reverter este efeito (e, dessa forma, também aumentar a proporção digitalizada) é acelerar a distribuição mundial da rede. Esta já participa da consolidação das relações e associações humanas. Em nossa civilização de movimento constante, as redes de comunicação são mais estáveis que os indivíduos.

Masayoshi Son, empresário japonês de telecomunicações, afasta com um gesto a lembrança do fato de que a cotação das ações de sua empresa sofreu uma queda de 90%: “Estamos em meio a uma revolução de cem anos. As comunicações de banda estreita que temos hoje dão apenas uma pequena idéia da dimensão tecnológica de que a Internet é capaz.” ....

Tradução Nena Mello

\* Diretor do Programa McLuhan em Cultura e Tecnologia na Universidade de Toronto (Canadá) e autor de *The Architecture of Intelligence*, ed. Birkhauser, Basel.

6. N.R.: Acelerador de campo variável em que as partículas descrevem órbitas quase circulares num campo magnético.

## U E R G S

# Governo anuncia primeiros cursos

**I**niciam em março de 2002 os primeiros cursos da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs). Na primeira etapa, 18 municípios do Estado serão atendidos, recebendo dez cursos. O vestibular ocorre em janeiro ou fevereiro do próximo ano.

José Clóvis Azevedo, reitor da Uergs, chama a atenção para o perfil inovador dos cursos. “A pesquisa aplicada para a solução de problemas regionais é outra inovação da Uergs”, aponta José Clóvis. O reitor também informa que o currículo dos cursos opera com questões concretas de cada região.

O presidente da Adurgs, Rubens Weyne, lembra, no entanto, que o método que a Uergs utilizará para contratar os professores é um risco para a categoria. Os professores da Uergs serão contratados pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), ao invés do Regime Jurídico Único (RJU). Segundo Weyne, este é o tipo de contrato

que o governo federal pretende impor a todos os servidores públicos, anulando os direitos garantidos pelo RJU.

A faculdade atenderá 1.720 alunos em sua fase inicial. Após a implementação de todos as unidades, a Uergs terá cursos em 29 cidades, nas 22 regiões do Estado. Em agosto mais três municípios serão atendidos e outros oito em março de 2003.

Metade das vagas da Uergs é destinada a alunos carentes, que não teriam como custear seus estudos em uma faculdade privada. Os deficientes físicos também serão atendidos, tendo sido reservado para eles 10% das vagas. Estas vagas são resultado das emendas que o Governo do Estado encaminhou para o Legislativo, antes da votação do projeto da Uergs. Outras mudanças aprovadas pelo Legislativo foram a eleição direta para reitor e o estabelecimento de um programa de auxílio para despesas com transporte, moradia e alimentação dos alunos.

## Calendário de implantação da Uergs

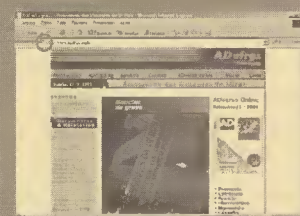
O calendário da Uergs tem três datas: março/2002, agosto/2002 e março/2003, para implantação dos primeiros cursos. Gradativamente, serão agregados novos cursos em diferentes regiões do Estado.

Regiões Coredes/OP	Municípios	Cursos da Uergs	2002/1	2002/2	2003
Alto Jacuí	Cruz Alta	Pedagogia: anos iniciais e jovens e adultos	X		
	Ibirubá	Tecnólogo em Laticínios			X
Campanha	Bagé	Pedagogia: Anos iniciais e jovens e adultos	X		
Central	Cachoeira do Sul	Desenvolvimento rural e Gestão agro-industrial	X		
Centro-Sul	Tapes	Pedagogia: Anos iniciais e jovens e adultos		X	
Fronteira-Noroeste	Santa Rosa	Engenharia química dos alimentos	X		
	Alegrete	Pedagogia: Anos iniciais e jovens e adultos	X		
Fronteira-Oeste	Santana do Livramento	Engenharia de Bioprocessos e biotecnologia	X		
	São Borja	Desenvolvimento Rural e gestão agroindustrial			X
	São Francisco de Paula	Pedagogia: anos iniciais e jovens e adultos	X		
Hortências	A definir	Pedagogia: anos iniciais e jovens e adultos		X	
Médio-Alto Uruguai	Frederico Westphalen	Desenvolvimento rural e gestão agro-industrial			X
Missões	São Luiz Gonzaga	Desenvolvimento rural e gestão agro-industrial	X		
Nordeste	Sananduva	Desenvolvimento rural e gestão agro-industrial	X		
	Vacaria	Pedagogia: anos iniciais e jovens e adultos	X		
Noroeste Colonial	Panambi	Engenharia mecânica	X		
	A definir	Curso na área de agricultura (Curso a definir)			X
Norte	Erechim	Desenvolvimento rural e gestão agro-industrial			X
Paranhana-Enc. Serra	Taquara	Pedagogia: anos iniciais e jovens e adultos			X
Produção	Passo Fundo	Engenharia de alimentos	X		
Serra	Caxias do Sul	Engenharia de bioprocessos e biotecnologia	X		
	Bento Gonçalves	Saúde			X
Sul	A Definir	Ação com Projeto Mar de Dentro			X
Vale do Caí	Montenegro	Artes	X		
Vale do Rio dos Sinos	Novo Hamburgo	Engenharia de bioprocessos e Biotecnologia	X		
		Tecnólogo em automação industrial	X		
		Engenharia em energia e desenvolvimento Sustentável			X
Vale do Rio Pardo	Santa Cruz	Engenharia de bioprocessos e biotecnologia	X		
Vale do Taquari	Encantado	Desenvolvimento rural e gestão agro-industrial	X		
Metropolitana/Delta do Jacuí	Porto Alegre	Administração de sistemas e serviços de saúde	X		
	Guaíba	Gestão Pública participativa (especialização)	X		
		Produção industrial (Curso a definir)		X	

## INTERNET

Notícias diárias, relatórios da categoria e a versão eletrônica do jornal Adverso estão em

**www.adufrgs.org.br**





## PROTESTOS

# Encontro pela paz em Washington



Reprodução / Rivera

O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial anunciaram o cancelamento de todos os seus encontros agendados para este ano. Após os incidentes nos Estados Unidos, os dirigentes das duas agências multinacionais de empréstimos alegaram que não podiam empregar agentes de segurança nos eventos, já que eles estariam ocupados com questões de interesse nacional. Com a anulação da reunião em Washington, marcada para os dias 28 de setembro a 4 de outubro, manifestantes antiglobalização alteraram a estratégia do protesto. O que seria uma manifestação contra a política econômica imposta pelo FMI e o Banco Mundial tornou-se um encontro pela paz.

A reunião, que começa dia 27, foi batizada de Evento do Povo: Para Globalizar a Justiça e a Paz. Entre os tópicos que serão discutidos está a questão do militarismo norte-americano e seus laços com a globalização. Outro tema que será tratado pelos ativistas é o racismo mundial. A discriminação de que o povo árabe está sendo vítima após os atentados também será debatida durante os seminários em Washington.

Antes mesmo do FMI e do Banco Mundial terem oficializado o cancelamento da reunião em Washington, os manifestantes já haviam decidido pela não realização de passeatas ou ações

civis na cidade. Quanto à violência dos protestos antiglobalização, os confrontos com a polícia envolvem uma parte não representativa dos participantes. Ainda não foram apuradas denúncias sobre os policiais infiltrados em Gênova, que se fizeram passar por membros do grupo anarquista Balarat Black Block.

A ONG Mobilização por Justiça Global, que está organizando o evento na capital norte-americana, divulgou uma nota sobre os acontecimentos do dia 11: "Nós expressamos nossa mais profunda simpatia pelas vítimas da tragédia, suas famílias e comunidades. Nós condenamos estes ataques horríveis e nós pedimos um fim imediato para este ciclo de violência. Nós pedimos para todos os líderes mundiais para procurar justiça nesta situação, ao invés de vingança".

Apesar da comoção em relação a morte dos civis inocentes, a política do Banco Mundial e do FMI não receberá alento dos críticos do neoliberalismo. "Nossa decisão de cancelar os protestos foi em função do nosso respeito pelas vítimas desta tragédia, entretanto, isto não muda a urgência de nossas denúncias, e a Mobilização por Justiça Global, como parte de um movimento global, continuará seus esforços para fazer com que estas instituições assumam suas responsabilidades por este mundo injusto", declarou Robert Weissman, representante da ONG.

## URP-89

## Informativo da Assessoria Jurídica

Há mais de oito anos os antigos professores celetistas da UFRGS – que posteriormente foram transpostos para o Regime Jurídico Único (RJU) – recebem a diferença de 26,05% no contra-cheque, sob a rubrica RT 13146/89 URP fev.1989. A incorporação foi obtida em 1993 no processo judicial movido pela ADUFRGS em 1989.

Várias vezes informamos a categoria que a UFRGS, embora derrotada no processo que gerou esta incorporação, ajuizou uma ação rescisória com o propósito de ver-se absolvida daquela condenação, sob o argumento de que posteriormente àquela vitória, o Supremo Tribunal Federal firmou o entendimento, em outros processos, de que a URP de fevereiro/89 era indevida. Em função disto, na lógica da universidade, todas as decisões judiciais que divergiam deste entendimento deveriam ser revistas.

Conjuntamente com a ação rescisória, a UFRGS ajuizou ação cautelar inominada pretendendo suspender o pagamento do precatório e a incorporação em folha até julgamento final da rescisória. Embora inicialmente deferida esta liminar, a mesma terminou sendo cassada por força de recurso interposto ANDES/ADUFRGS, restabelecendo o pagamento da URP em folha e liberado o processamento do precatório.

No final do ano de 2001 foi a julgamento no TRT da 4ª Região, em Porto Alegre, a ação rescisória, sendo a mesma julgada improcedente, prevalecendo a tese de defesa dos professores no sentido de que a ação deveria ter sido ajuizada num prazo máximo de dois anos a contar do trânsito em julgado (inexistência de qualquer outro recurso) do processo que gerou a incorporação. Dentro deste prazo a UFRGS ingressou com a ação apenas contra o sindicato e apenas após esta data fatal foi que a UFRGS chamou os professores ao

processo para que se defendessem.

Atualmente, o processo está às vésperas de ser enviado ao Tribunal Superior do Trabalho (TST), em Brasília, para julgamento do recurso interposto pela Universidade contra a decisão do TRT.

Embora até o instante os professores sejam beneficiários de decisões que lhes foram favoráveis, garantindo a incorporação da URP na folha, é certo que ainda existem muitos riscos. Em face da orientação predominante no TST, favorável às rescisórias, a possibilidade de corte desta vantagem não deve ser descartada.

Justamente por isso é que a participação de todos os professores é fundamental, tal qual ocorreu até o momento. A presença massiva dos professores por ocasião dos dois julgamentos até agora ocorridos (1º quando da cassação da liminar e o 2º quando do julgamento do mérito) foi de crucial importância. A pressão de todos pela manutenção desta decisão é importantíssima.

Além da assessoria jurídica da ADUFRGS, acompanharão ainda o processo no TST, pela entidade o escritório Alino & Roberto e advogados associados e representando os docentes o Dr. Reginald Felker, além do escritório do Dr. Luiz José Guimarães Falcão, Ministro aposentado do TST.

Além de informar a categoria dos riscos concretamente existentes, este informativo visa manter a categoria mobilizada em torno desta causa que une um expressivo número de professores. No momento certo os professores serão novamente chamados a participar e, por certo, todos têm consciência de que a soma dos esforços individuais foi a principal causa dos êxitos até agora colhidos.

**Assessoria Jurídica da Adufrgs**

Camargo Coelho Maineri e Advogados Associados

## PRESTAÇÃO DE CONTAS

ADUFRGS - ASSOCIAÇÃO DOS DOCENTES DA UFRGS		FOLHA 2	
RUBRICAS / MESES	JUL	ACUMULADO	
<b>RECEITAS</b>	93.071,94	634.545,20	
RECEITAS CORRENTES	71.108,48	496.293,55	
RECEITAS DE CONTRIBUIÇÕES	71.108,48	496.293,55	
RECEITA C/VIDA DE MATERIAIS	0,00	0,00	
<b>RECEITAS PATRIMONIAIS</b>	21.832,05	128.414,78	
RECEITAS FINANCEIRAS	21.832,05	128.414,78	
RECEITAS PATRIMONIAIS DIVERSAS	0,00	0,00	
<b>RECEITAS DE ATIVIDADES SINDICAIS</b>	36,41	2.968,20	
PARTICIPAÇÕES EM AÇÕES COLETIVAS	36,41	2.968,20	
<b>OUTRAS RECEITAS</b>	100,00	7.000,77	
RECUPERAÇÃO DE DESPESAS	0,00	5.048,48	
OUTRAS RECEITAS	100,00	1.952,31	
<b>DESPESAS</b>	70.361,08	554.245,89	
DESPESAS CORRENTES	70.361,08	554.245,89	
DESPESAS COM CUSTEIO	38.438,51	183.893,84	
DESPESAS COM PESSOAL	11.276,65	77.592,44	
DESPESAS COM OCUPAÇÃO E SERVIÇOS	6.573,60	45.724,79	
DESPESAS DE EXPEDIENTE	7.675,34	40.509,19	
DESPESAS C/IMPOSTOS/TAXAS/ONUS DIVERSOS	407,01	3.874,62	
DESPESAS LEGAIS	0,00	1.398,38	
DESPESAS DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO	785,15	3.799,71	
DEPRECIACÕES E AMORTIZACÕES	1.398,01	9.187,61	
DESPESAS GERAIS DE ADMINISTRAÇÃO	958,74	1.834,66	
ENCARGOS FINANCEIROS	4,00	54,30	
DESPESAS DIVERSAS DE CUSTEIO	0,00	0,00	
DESPESAS COM ATIVIDADES ASSOCIATIVAS	22.973,83	238.031,78	
DESPESAS COM VEICULAÇÃO	1.027,20	4.840,20	
DESPESAS COM VIAGENS	8.573,78	78.098,98	
DESPESAS COM ATIVIDADES SÓCIO-CULTURAIS	827,47	2.160,21	
DESPESAS C/ATIV. POLITICO-ASSOCIATIVA	200,00	14.225,01	
DESPESAS COM PUBLICAÇÕES	12.345,40	128.757,58	
DESPESAS DIVERSAS ASSOCIATIVAS	0,00	9.961,80	
TRANSFERÊNCIAS CORRENTES	18.990,74	132.280,29	
CONTRIBUIÇÕES PARA A ANDES	15.424,00	107.667,71	
CONTRIBUIÇÕES PARA A CUT	3.526,74	24.612,58	
<b>RESULTADO LÍQUIDO DO MÊS</b>	22.710,86	80.299,41	
<b>RESULTADOS ACUMULADOS DO EXERCÍCIO</b>	80.299,41	80.299,41	
RUBENS C. V. WEYNE		RINO H. FERREIRA DA SILVA	
PRESIDENTE		CONTADOR - CRC/RS Nº.14418	





# Mas, afinal, o que é essa "nossa América"?

**Pergunta pode ser respondida por extensa antologia de textos de diversos países das três Américas, que sai em CD, feito no Instituto de Letras da Ufrgs**

**P**or não possuírem uma compreensão conjunta da cultura de seu continente, os latino-americanos ficam na constrangedora posição de saberem de si apenas o que os outros dizem. Na tentativa de diminuir esse verdadeiro mal-estar cultural, a professora Zilá Bernd, do Instituto de Letras da Ufrgs, lança na próxima Feira do Livro o CD-ROM "Antologia de Textos Fundadores do Comparatismo Literário Interamericano". O trabalho reúne 67 escritos de grande importância cultural vindos do espanhol, francês, inglês (todos traduzidos) e português.

Foram quatro anos reunindo textos que Zilá considera como "fundadores da possibilidade de um diálogo" entre as Américas, uma base para aproximar esses países.

"No Brasil, particularmente, nos voltamos muito mais para a Europa, sem nos perguntar sobre nossas raízes culturais junto ao nosso continente", afirma a professora. E é cada vez mais difícil encontrar as semelhanças. As várias Américas existentes praticamente impossibilitam conceber a velha "nuestra América", a que se referia o escritor cubano José Martí (1853-1895).

Dentre os textos selecionados, muitos são raridades, estão esgotados ou inacessíveis e outros nunca haviam sido traduzidos antes para o português. É o caso de um curioso editorial que saiu em 1929 no Haiti, na publicação "Revue Indigene", no mesmo ano de publicação, no Brasil, do "Manifesto Antropófago", de Oswald de Andrade (também integrante da publicação, junto com o "Manifesto Pau-Brasil"). "Há muitas semelhanças neles. É a mesma reclamação sobre a necessidade de independência da cultura do país em relação à Europa, voltando a produção mais para as cores locais. E o interessante é que possivelmente aqueles haitianos e os brasileiros não conheceram os trabalhos uns dos outros", aponta. Do Quebec (no Canadá) veio um texto importante, escrito no final do século XIX. Nele, Camille Roy já se mostra

favorável a uma identidade cultural americana.

O Brasil está muito bem representado. Machado de Assis aparece com o texto "Instinto de Nacionalidade" e um hipertexto feito por um dos maiores especialistas no escritor carioca, o professor Alckmar dos Santos.



Antonio Candido



Machado de Assis



J. L. Borges

De Antonio Candido, está publicado "Literatura e Subdesenvolvimento", em que expõe sua tese de que as literaturas latino-americanas são "galhos" de literaturas européias. O argentino Jorge Luis Borges é o primeiro, e dos únicos, a forçar um movimento contrário:

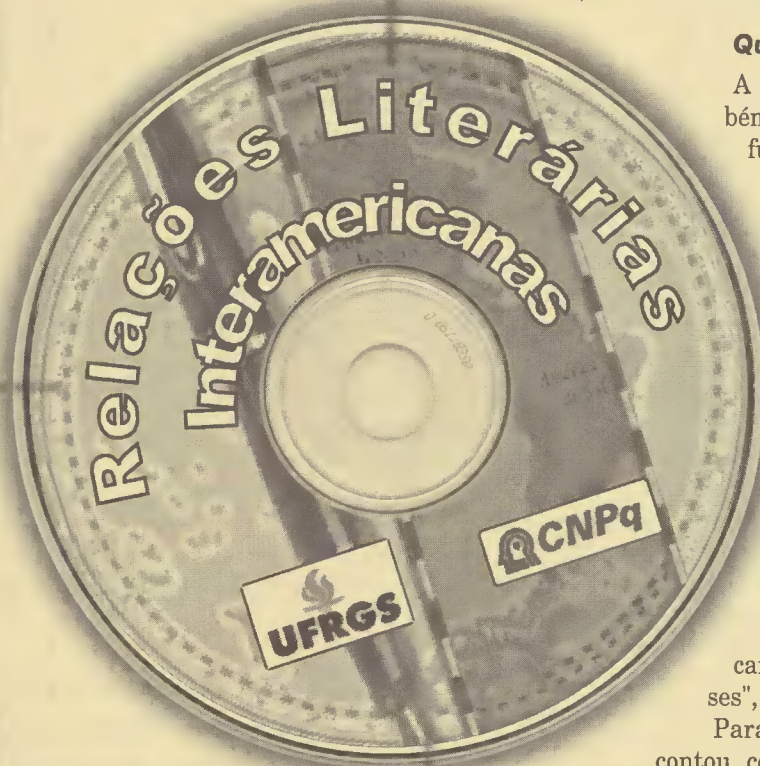
influenciar as literaturas dominantes, segundo Candido. O Manifesto Regionalista, de Gilberto Freire, faz uma bela crítica aos modernistas, cujo rompimento com a Europa teria possibilitado, por um lado, a estadunização da cultura brasileira.

Há ainda textos de Alejo Carpentier, Jorge Luís Borges, Eduardo Galeano, Ricardo Piglia, Carlos Fuentes, Octavio Paz, Darcy Ribeiro, Ernesto Sábato, Walt Whitman, Henry Thoreau, Nelson Rodrigues, Angel Rama, Ralf Waldo Emerson, e Ferdinand Denis, entre muitos outros.

## Quem é americano?

A seleção de textos tem também um outro objetivo. "No fundo está a pergunta o que é ser americano? Qual é a nossa pertença às Américas?", quer saber Zilá. O problema é que, historicamente, é muito grande o descaso sobre esta possível unidade. Ela lembra que ao contrário de tentarem a integração, os países voltaram-se mais para si, fundando identidades próprias, nacionais. "Um resultado disso é a apropriação do termo 'americano', feito pelos estadunidenses", afirma a professora.

Para realizar o trabalho, Zilá contou com a colaboração de 150 pessoas, entre comentaristas e tradutores. Uma das partes mais pesadas foi o contato com cada um dos donos dos direitos autorais, processo que levou mais de um ano para ser completado. No final, tamanho o esforço valeu a pena, segundo Zilá. O material conseguido é também uma fonte riquíssima para brasilianistas e pesquisadores de centros de estudos brasileiros espalhados no exterior. Para isso, todo o conteúdo está disponível na internet, pelo endereço [www.ufrgs.br/cdrom](http://www.ufrgs.br/cdrom). O CD também está sendo vendido a R\$ 20,00 (encomendas podem ser feitas pelo endereço eletrônico [abecan@vortex.ufrgs.br](mailto:abecan@vortex.ufrgs.br)).



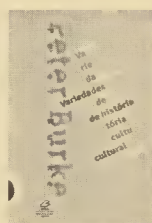
## ORELHA



### O relojoeiro cego A teoria da evolução contra o designio divino

Richard Dawkins

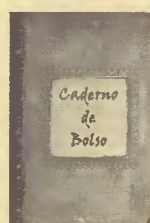
Uma das obras mais emblemáticas da biologia moderna. "Nossa existência já foi o maior de todos os mistérios, mas deixou de sê-lo. Darwin e Wallace o desvendaram, embora durante algum tempo ainda devamos continuar a acrescentar notas de rodapé à sua solução", diz o autor. Companhia das Letras, 496p. R\$ 37,00.



### Variedades de história cultural

Peter Burke

O inglês Peter Burke, da Universidade de Cambridge, é um dos mais importantes historiadores da atualidade. Nesta obra ele analisa os principais temas da história cultural. Burke também comenta o surgimento de um novo estilo da história cultural: a "nova história antropológica". Civilização Brasileira, 330p. R\$37,00.




### Caderno de bolso

Gláucia de Souza


Caderno de bolso é uma coletânea de mini poemas. A autora dos livros Saco de Mafagafos e Astro Lábio reuniu na publicação mais de uma centena deles. O lançamento será no dia 2 de outubro, no Instituto Estadual do Livro, às 19 horas. Kaligráfos, 124p. R\$ 15,00.

## WWW

### Migração

 <http://cmsny.org/>  
Página da ONG Center for Migration Studies of New York (CMS). O sítio foi elaborado para facilitar o estudo de todos os aspectos da migração humana e dos movimentos de refugiados.

### Direitos Humanos

 <http://www.madre.org/>  
Além de lutar pelos direitos das mulheres no mundo todo, Madre também alerta para os desastres ocasionados pela política externa norte-americana.



# “Estamos mais desesperados que os latino-americanos e asiáticos”

**O sul-africano Brian Ashley, diretor do Centro de Informação e Desenvolvimento Alternativo (AIDC), esteve em Porto Alegre no início de setembro preparando o Tribunal Mundial da Dívida, que ocorrerá nos dias 2 e 3 de fevereiro durante o 2º Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Na ocasião, a dívida será julgada por um tribunal, que contará com depoimentos de testemunhas de várias partes do mundo. Elas falarão sobre os estragos que a dívida faz em suas vidas. Ashley é um dos principais coordenadores do Jubileu Sul, uma organização que reúne representantes de países da África, Ásia e América Latina para exigir o cancelamento da Dívida Externa dos países pobres. Essa entidade afirma que a Dívida não existe, que foi paga ao longo do tempo, tanto em termos financeiros quanto humanos. Segundo o Jubileu Sul, os credores têm usado a dívida como instrumento de exploração e controle das pessoas, de reservas e de países. “Isso já seria o suficiente para afirmar que ela é ilegítima”, fala Ashley.**

Jéferson Assunção e Rodrigo Schwarz



Cristina Lima

**Ashley:** “as soluções que o FMI, Banco Mundial e OMC oferecem ao continente africano apenas perpetuam a situação atual, assim como a dívida”

**AD** verso - **Como funciona e desde quando existe o Centro de Informação e Desenvolvimento Alternativo (AIDC)?**

**Brian Ashley** - O AIDC foi criado em 1996. É uma organização que pesquisa a forma como a África do Sul se integra na economia mundial e a maneira de reconstruir o país depois do Apartheid.

**Adverso** - **O que o senhor e sua entidade entendem por “desenvolvimento alternativo”?**

**Ashley** - É o conjunto das muitas alternativas que existem e que estão abandonadas pelo atual modelo de desenvolvimento. Por exemplo: quando propomos a independência do Banco Central na África do Sul, sabemos que a alternativa é colocá-lo sob controle público, controle nacional, e não outra coisa. Mas esta é uma proposta que já foi concebida há muito tempo, não é nova. O principal, então, não é formular novas políticas de alternativas, e sim tratar da viabilidade dessas políticas que já existem. É isso o que fazemos. Nós do Centro de Desenvolvimento Alternativo trabalhamos para capacitar as pessoas a promoverem as mudanças necessárias, trabalhando com as alternativas que já existem. As soluções que o FMI, Banco Mundial e OMC oferecem ao continente africano apenas perpetuam a situação atual, assim como a dívida. As únicas alternativas viáveis são as que a própria sociedade africana colocar em prática.

**Adverso** - **O Fórum Social Mundial é um momento de convergência dessas alternativas?**

**Ashley** - O Fórum Social Mundial é extremamente importante porque ele não só junta pessoas diferentes de todo os cantos do mundo, mas também pessoas de setores diferentes. Então nós temos pessoas que trabalham na terra, médicos, sociólogos, antropólogos, educadores, todos interagindo. Isto nos faz olhar para formas compreensivas de reestruturarmos a nossa sociedade e não

Jubileu Sul e os movimentos de cancelamento da dívida da África, Ásia e América Latina, nós da AIDC não poderemos organizar eventos específicos, mas estaremos contribuindo com todas as atividades, participaremos de muitas plenárias e do Tribunal da Dívida. Na África temos vários programas de alternativas. Só que eles não têm significado muito, já que não temos o poder de colocá-los em prática. Por isso, o AIDC tentará inserir nas plenárias do Fórum a importância de trazermos para os movimentos sociais, para o povo, estas alternativas, para que eles, com a força que possuem, viabilizem estas alternativas. A contribuição que pretendemos dar é insistir na importância de ligar o local ao global, o micro ao macro. Outra contribuição nossa é propagar o Fórum Social na África, construindo um Fórum que envolva todo o nosso continente. Africanos dos mais variados gêneros virão para o Fórum Social Mundial, sabendo que terão que levar este processo para os seus países. Nós da AIDC estamos aqui preparando o Tribunal da Dívida Externa. Estamos vendo com grupos locais, com o comitê da campanha e do Fórum, se

**“Se somos fracos em termos geopolíticos, somos fortes na luta contra a dívida”**

podemos aumentar a extensão deste tribunal. A dominação que os países pobres sofrem, em virtude da dívida externa, ajuda a explicar por que o neoliberalismo é tão forte. O que me fez participar do Jubileu é que acredito que está e é a forma mais eficiente de combate à globalização, principalmente na África do Sul.

**Adverso** - **Que pontos de contato há entre África do Sul e Brasil como países que sofrem os efeitos da globalização financeira?**

**Ashley** - Há muitas similaridades entre a África do Sul e o Brasil. Os dois países apresentam uma distribuição de renda desumana. Brasil e África do Sul competem neste fator, brigam para ver qual é o país que é mais injusto na distribuição de renda (risos). Os dois países também possuem tipos de economia parecidos. Os dois são muito influenciados pelo FMI. Também se equivalem em recursos. Assim como o Brasil, a indústria da África do Sul tem a capacidade de suprir as necessidades das pessoas de uma forma completa, apesar de as duas não aproveitarem este potencial. Ambas as sociedades sofrem o impacto do capitalismo global, principalmente as injustiças sociais originadas por ele. Este efeito tomou a África do Sul na década de 90. Na época, era difícil acreditar que nós conseguiríamos gerar capital em nosso próprio país, então houve um revoada do capital estrangeiro para a África do Sul. Foi um grande

**“As instituições comerciais continuam sabotando o desenvolvimento na África”**

apenas maneiras fragmentadas, que atinjam somente alguns setores dela. O fato de o Fórum juntar milhares e milhares de pessoas tem um significado de questionar a ordem global e propor uma alternativa viável. É um lugar alternativo que mostra como o neoliberalismo não é o único caminho. É a afirmação de que o neoliberalismo não é mais viável. São milhares de pessoas dizendo basta. E em todo os cantos do mundo há agora fóruns que são desafios sistemáticos ao modelo neoliberal.

**Adverso** - **Qual vai ser a participação de vocês no Fórum?**

**Ashley** - Paralelamente ao nosso papel de suporte ao

abalo para a indústria local, que não conseguiu competir com as multinacionais. No setor têxtil, em especial, as demissões foram em massa. Em 1994, um milhão de trabalhadores perderam seus empregos na África do Sul. As instituições de comércio global continuam sabotando qualquer possibilidade de desenvolvimento na África. Então nestes aspectos há muitas similaridades entre os dois países. Mas a África do Sul é um país muito importante pelo papel que ele exerce no continente africano. Ela continua sendo uma economia relativamente forte, comparada ao continente. Países como a Somália, Congo e Ruanda passaram por um processo de desmonte total do Estado, devido à globalização. E os habitantes, ou melhor, os sobreviventes destes países, que tiveram suas economias destruídas, se dirigem para a África do Sul, o quê, infelizmente, acabou gerando xenofobia.

**Adverso** - **Qual o impacto da dívida externa na vida dos países pobres?**

**Ashley** - Eu acho que a Dívida é uma das questões mais preciosas da África, pois estamos falando em cerca de 350 bilhões de dólares. Os juros que muitos países do continente estão pagando correspondem ao dobro do que eles investem em educação e saúde. Então o impacto disso é absolutamente devastador. E neste sentido, em todos os países africanos, se nós somos fracos em termos geopolíticos, nós temos sido extremamente fortes na luta contra a dívida. Porque estamos mais desesperados que os latino-americanos e os asiáticos. A campanha do Jubileu Sul acabou fortalecendo a união dos povos africanos. O que era inicialmente uma campanha contra a dívida, criou laços que não havíamos concebido antecipadamente. Os governos africanos tomam os pacotes de cancelamento de dívidas mesclados a ações de interesse do FMI como alternativas reais para os problemas do continente, só que seguindo essas políticas, os países que as empregaram acabam ficando numa situação pior do que a original. Esses pacotes são uma reação do FMI, Banco Mundial e OMC a iniciativas como a do Jubileu Sul. Devido ao poder dos movimentos antiglobalização que participam do Fórum Social Mundial, nós podemos transformar a dívida em uma questão que merece muita consideração. E não apenas o cancelamento, mas também o repúdio a ela.